OS XETÁ: A TRAJETÓRIA DE UM GRUPO TUPI-GUARANI EM EXTINÇÃO NO PARANÁ

CECÍLIA MARIA VIEIRA HELM
Universidade Federal do Paraná

XETÁ (ARÉ) — pequeno grupo nômade que apareceu na serra de Dourados, utilizando-se ainda de machados de pedra.

Roque Laraia (1986: 72)

Notícia e localização

Os Xetá foram localizados na década de 50, na Serra dos Dourados, a noroeste do Estado do Paraná, no sul do Brasil.

A notícia da existência de índios selvagens na floresta tropical, no Paraná moderno[1] foi um acontecimento de grande repercussão para a Antropologia. Mas, o contato com a sociedade brasileira representou o extermínio desses índios em poucos anos.

As primeiras notícias sobre a presença de índios coletores-caçadores, na Serra dos Dourados, são dadas por cultivadores de café que, no final da década de 40, adquiriram das Companhias de Colonização glebas de terras na região do rio Ivaí, para a formação de fazendas.

1. Cecília Maria Westphalen e Altiva Pilatti Balhana escreveram sobre a expansão agrícola no Paraná moderno, notadamente sobre a expansão da cultura cafeeira (Westphalen & Pilatti Balhana 1977).

A região de perambulação, que serviu de refúgio dos Xetá era considerada um imenso "espaço vazio" pelos colonizadores, e deveria ser "ocupada", no entendimento dos administradores do Departamento de Terras e Colonização do Estado do Paraná.

O Serviço de Proteção aos Índios (SPI) — hoje Fundação Nacional do Índio (FUNAI) —, através da 7ª Inspetoria, com sede em Curitiba, recebeu a notícia da existência de indígenas perambulando pela mata, devido ao relato de um fazendeiro.[2]

Três funcionários do SPI são enviados à região da Fazenda Santa Rosa próxima ao rio Ivaí, ocorrendo assim o primeiro contato do órgão oficial do Governo brasileiro com os Xetá.

Duas crianças Xetá apreendidas na mata por fazendeiros, quando coletavam frutos silvestres, foram encaminhadas para Curitiba pelos funcionários do SPI. A língua falada por elas foi comparada a dos Guarani e à dos Kaingáng, grupos indígenas Tupi-Guarani e Jê, respectivamente, que habitam o sul do Brasil.

Novas informações sobre a presença de índios "selvagens" na região do rio Ivaí continuaram a ocorrer, sem que o SPI decidisse fazer uma verificação mais cuidadosa para dar proteção aos Xetá.

A literatura sobre os Xetá

A literatura sobre os Xetá é pequena. O *Handbook of South American Indians* incluiu os Ivaporé-Aré-Xetá como um grupo da língua tupi. Kozák chamou o grupo de Héta.[3]

---

2. Tratava-se do administrador da Fazenda Santa Rosa, que relatou ao chefe da 7ª Inspetoria, Deoclesiano de Souza, o que observou nas imediações dessa fazenda.

3. Os índios da Serra dos Dourados foram chamados por vários nomes: Botocudo, Aré, Yvaporé, Xetá e Héta. Em "Os Índios Héta: *Peixe em Lagoa Seca*", os autores (Kozák, Carneiro, Baxter & Williamson 1981) informam que o Handbook incluiu os Ivaporé-Aré-Xetá, como um grupo da língua tupi". Remetem o leitor ao volume 6 do Handbook editado por Steward (1946/59, VI: 298).

A informação mais antiga sobre esses índios foi dada por Thomas Bigg-Wither (1878). Em suas viagens pelo interior do Paraná, no rio Ivaí, "encontrou um pequeno bando de 'Botocudos selvagens', a cerca de 120 km ao norte da atual cidade de Guarapuava e a 300 km, a sudeste da Serra dos Dourados".[4]

Telêmaco Borba, que teve o mérito de escrever a primeira monografia sobre os Kaingáng (Borba 1904), esteve em 1899 entre estes índios e registrou a presença de dois cativos, que os Kaingáng chamavam de Kurutó, que significa "sem roupas". Os cativos disseram que eram Aré.

Em 1907, A.V. Frič localizou no rio Ivaí três cativos denominados de Kurutó pelos Kaingáng que ali viviam. Os cativos se auto-denominavam Xetá (Frič 1943: 81). Quando os Xetá são localizados na Serra dos Dourados, uma questão a ser elucidada pelos estudiosos era: "seriam o mesmo povo que os Xetá encontrados por Frič em 1900?" Para a maioria dos observadores que compararam os dados sobre esses índios "eles são culturalmente relacionados" (Kozák, Carneiro, Baxter & Williamson 1981: 21).

O antropólogo Loureiro Fernandes teve o mérito de contatar com os Xetá e registrar suas observações em alguns trabalhos. Em 1958, em comunicação que apresentou durante a III Reunião Brasileira de Antropologia (Loureiro Fernandes s.d.) escreve:

> pudemos assim comprovar que se trata de um grupo mantendo-se em estágio de cultura primitiva, segregado naquela área da floresta tropical o qual devia viver em plena cultura lítica, pois em todos os acampamentos visitados e estudados, não nos foi dado encontrar qualquer elemento que revelasse contactos com os agrupamentos humanos da civilização brasileira existentes nas regiões circunvizinhas.

Também escreveu:

---

4. Kozák realizou pesquisas e documentou os índios da Serra dos Dourados. A monografia "*Os Índios Hetá*" escrita por vários autores (Kozák, Carneiro, Baxter & Williamson 1981) é baseada principalmente nos registros de Kozák. Devido aos ornamentos labiais descritos por Bigg-Wither muito semelhantes aos feitos de resina dos Hetá, estes índios "poderiam ser descendentes dos botucudos selvagens de Bigg-Wither ou, pelo menos, estreitamente relacionados com eles", comentam os autores da monografia (: 19).

os índios Xetá da Serra dos Dourados pertencem a esses pequenos grupos étnicos que por circunstâncias muito especiais, conseguiram evitar o contacto direto com outros índios ou com civilizados e assim puderam perpetuar, nos recessos florestais da América do Sul, as etapas muito primitivas da sua cultura.

Devido à ocupação de seu habitat pelas fazendas de café, por causa das geadas ocorridas na região, registra ainda Loureiro Fernandes (1961), os Xetá

assolados pela fome, em conseqüência da destruição das palmeiras e de outras essencias florestais cujos frutos lhes servem de alimento, fizeram esporádicos contactos com os plantadores de café.

Foram empreendidas expedições para a realização de estudos etnográficos e com a finalidade de aproximar os Xetá de um posto do SPI.

De uma das expedições participou o lingüista Čhestmir Loukotka, a convite de Loureiro Fernandes, para realizar um estudo comparativo, a respeito dos apontamentos de Frič sobre os Xetá registrados no passado. No entender de Loukotka, escreve Loureiro Fernandes:

os índios que Frič conheceu não eram da tribo dos Xetá, pois segundo ele, plantavam a mandioca, o milho e o fumo

e, como teve oportunidade de constatar,

os Xetá são completamente selvagens, nada conhecem de agricultura, viviam quase que exclusivamente da coleta, caça e pesca [Loureiro Fernandes 1961: 85].

Os Xetá foram classificados como semi-nômades - um grupo étnico coletor e caçador da floresta tropical com influências da cultura Guarani. Os Xetá percorriam a mata na busca de alimentos e produtos necessários a sua reprodução física e cultural, "sendo extremamente difícil localizá-los". Conta Loureiro Fernandes que entrou em contato com apenas 60 indivíduos, de aproximadamente 200 que os novos habitantes da região diziam existir. Apenas um pequeno número de índios fazia visitas frequentes ao posto de aproximação, sendo que a maioria dos Xetá continuava sua vida nômade na

floresta, utilizando equipamento de madeira, pedra e osso (Loureiro Fernandes s.d.: 31).

Na sua pequena monografia sobre este povo caçador-coletor, ele descreve suas práticas alimentares, vestuário, adornos, transporte, trançados, uso de recipientes, vasilhames, instrumentos usados, armas, fiação, tecelagem, arte, seus acampamentos e tece alguns comentários sobre a língua Xetá.

No VI Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas realizado em 1960, em Paris, apresentou uma comunicação sobre os Xetá (Loureiro Fernandes 1960) que descrevia como os Xetá coletavam frutos na mata, as espécies que exploravam e como armazenavam seus frutos. Salientava a importância da floresta para a sobrevivência desse grupo indígena.

Concluiu sua comunicação dizendo que os Xetá são os remanescentes de um antigo grupo que falava uma língua Tupi. Devido à constante mobilidade desse povo pelo interior da mata eles eram difíceis de serem contatados. Chamava a atenção de seus colegas sobre a necessidade urgente de serem realizadas pesquisas sobre esses índios, "tão primitivos e muito próximos de sua extinção definitiva". Em 1960 já previa a extinção dos Xetá.

A extinção dos Xetá

O Estado brasileiro tem se caracterizado por adotar uma política indigenista voltada para a integração do índio à sociedade nacional.

A garantia dos territórios tradicionais das sociedades indígenas e a demarcação de suas terras têm gerado conflitos. Até a presente data não foram demarcadas todas as áreas indígenas, como reza a Constituição Federal de 1988.

Quando os Xetá são contatados ao noroeste do Estado do Paraná no Brasil Meridional, a preocupação do Serviço de Proteção aos Índios era de aldeá-los em um Posto, nas imediações da Fazenda Santa Rosa, para dar proteção e assistência.

Enquanto os trâmites burocráticos ocorriam lentamente para a tomada de decisões sobre como proceder, os Xetá eram vítimas do extermínio gerado pela expansão cafeeira na região.

A depredação da floresta pela ação das companhias colonizadoras, reduziu a quantidade de alimentos, ocasionando a fome, e, as doenças contraídas pelo contato com os "brancos", restringiram drasticamente as condições de sobrevivência desses índios.

Na Universidade do Paraná e em outros centros de pesquisa, estudiosos se empenhavam para que o Governo Federal decretasse, como reserva florestal uma área de terras para a perambulação dos Xetá, criando o Parque Nacional das Sete Quedas, com a finalidade de ser preservado o que restava desse grupo étnico singular e, também da mata, seu refúgio, hábitat natural e meio de sobrevivência.

Havia ainda a necessidade de garantir juridicamente a ocupação do território pelos Xetá. Em 30 de maio de 1961, o Presidente Jânio Quadros, através do Decreto nº 50.665, cria o Parque Nacional de Sete Quedas. No texto constava que a área do Parque "era limitada ao norte pelo hábitat dos índios Xetás". Determinava também que

> a área definitiva do Parque será fixada depois de indispensável estudo e reconhecimento da região, a ser realizado sob a orientação e fiscalização do Serviço de Proteção aos Índios que fixará as medidas tendentes a resguardar os interesses dos índios que habitam a região.

A ação das Companhias Colonizadoras que negociavam áreas de terras para cultivo dos cafezais foi mais forte do que o interesse do órgão de proteção aos índios em resguardar um território para os Xetá.

Na tentativa de "salvar" os poucos Xetá remanescentes, a chefia da 7ª Inspetoria do SPI transfere um casal e dois jovens índios para o P.I. José Maria de Paula, no rio Marrecas, hoje Posto Guarapuava. Este P.I. era administrado por José Dival de Souza, indigenista bem intencionado, firme adepto dos ideais de Rondon. O casal Xetá, seus dois filhos menores e mais dois jovens Xetá são instalados no P.I. de Guarapuava no oeste paranaense, região fria e de fortes geadas, onde vivem os Kaingáng, índios que estão em contato com segmentos da sociedade nacional deste o início do século passado, quando foi instalado o aldeamento de Atalaia.

Em 1967, quando realizávamos pesquisas junto aos Kaingáng, pudemos observar que os Xetá eram segregados pelos Kaingáng e com eles não se comunicavam, porque desconheciam a língua. Para os Kaingáng, os Xetá eram "selvagens e primitivos", reproduzindo a fala dos funcionários do

posto indígena. Um jovem Xetá, de nome Tuca, apanhado na mata, estava vivendo no P.I. José Maria de Paula, sob a proteção do funcionário José Dival de Souza e servia de intérprete.

No P.I. Guarapuava estiveram realizando pesquisas sobre os Xetá, naquele ano, o cinematografista e estudioso dos costumes indígenas, Kozák e o lingüista Aryon Rodrigues, ambos vinculados à Universidade do Paraná. A relação entre os funcionários do SPI da 7ª Inspetoria e os Xetá era de visível paternalismo. Haviam "adotado" os Xetá como seus protegidos, colocando em prática a ideologia de Rondon que era pregada pelo SPI. Os Xetá recebiam alimento, morada, vestuário, porém continuavam a coletar os raros frutos que encontravam na mata, principalmente das araucárias do Paraná. Caçavam, pescavam e banhavam-se uma vez por dia nas águas frias do rio Marrecas. Kosák perseguia os Xetá em suas longas caminhadas fotografando e fazendo anotações. Aryon Rodrigues gravava os sons e registrava o seu vocabulário. Tuca era o intérprete. Fora-o também de Loureiro Fernandes. Era o único Xetá em condições de relatar traços de sua cultura. Não gostava de evocar a triste e dramática história de seu grupo, próximo da extinção.

Um surto de sarampo vitimou os dois Xetá adultos. Com a morte do único casal Xetá sobrevivente, exauriu-se a possibilidade de ser preservado este povo de cultura primitiva. Os Xetá estão extintos. Foi cometida uma violência contra este grupo. Resta a memória dos poucos sobreviventes, uma documentação fotográfica e um documentário cinematográfico, elaborados por Kozák e Loureiro Fernandes e os registros etnográficos destes estudiosos.

A Antropologia perdeu com o desaparecimento dos Xetá. A humanidade ficou com menos uma sociedade de coletores-caçadores. Em nome do desenvolvimento erroneamente concebido perdeu-se uma cultura indígena, a mata foi derrubada e hoje há erosão no lugar das terras férteis. Procura-se combater a erosão. Não há como recuperar os Xetá.

BIBLIOGRAFIA

BIGG-WITHER, Thomas P. 1878. *Pioneering in South Brazil*. Vol. II. Londres.

BORBA, Telêmaco Moracines. 1904. Observações sobre os Indígenas do Estado do Paraná. *Revista Museu Paulista* 6: 53-62.

FRIČ, A.V. 1943. *Indiáni Jizni Americy*. Praha.

KOZÁK, V., R. CARNEIRO, D. BAXTER & L. WILLIAMSON. 1981. Os Índios Héta: Peixe em Lagoa Seca. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense* 38. Curitiba.

LARAIA, Roque de Barros. 1986. *Tupi: Índios do Brasil Atual*. São Paulo: USP — FFLCH.

LOUREIRO FERNANDES, José. s.d. "Os Índios da Serra dos Dourados (os Xetá)". In *Anais da III Reunião Brasileira de Antropologia*. Recife: Imprensa Universitária.

______. 1960. Les Xetá et les Palmiers de la Forêt de Dourados. Contribuition à l'Ethnobotanique du Paraná. In *Actes du VI Congrès International des Sciences Anthropologiques* Tomo II (2º vol.): 39-43. Paris.

______. 1961. Le Peuplement du Nord-Ouest du Paraná et les Indiens de la Serra dos Dourados. *Boletim Paranaense de Geografia* 2 e 3. Curitiba.

LOUKOTKA, Čestmir. 1929. Les Šetá, un Nouveau Dialecte Tupi. *Journal de la Societé des Americanistes* 21: 373-398.

MÉTRAUX, Alfred & Herbert BALDUS. 1946. "The Guayaki". In *Handbook of South American Indians* (Julian Steward, org.). Vol. 1. Washington: Smithsonian Institution.

NIMUENDAJÚ, Curt. 1946. Social Organization and Beliefs of the Botocudo ol Eastern Brazil. *Southwestern Journal of Anthropology* 2 (1): 93-115.

STEWARD, Julian H. (ed.). 1946/59. *Handbook of South American Indians*. Washington: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology (Bulletin 143). Reimpressão por Cooper Square Publishers, New York, 1963.

WESTPHALEN, Cecília Maria & Altiva PILATTI BALHANA. 1977. A Expansão Agrícola no Paraná Moderno. *Boletim do Departamento de História*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. pp. 1-30.